

# UM

Ao entrar na sala dos alunos, dou conta de que a maioria das pessoas está praticamente morta, eu incluída. Recebi informações de confiança sobre o *blues* pós-Natal: é perfeitamente normal, devemos esperar sentir-nos um pouco entorpecidos depois da época «mais feliz» do ano. Mesmo assim, não me sinto muito diferente do que na véspera de Natal ou no dia de Natal ou em qualquer outro dia desde que as férias começaram. Estou de volta e é mais um ano que aí vem. Não vai acontecer nada.

Deixo-me ficar onde estou. A Becky e eu entreolhamo-nos.

— Tori — diz-me ela —, estás um pouco com cara de quem se quer matar.

Ela e o resto do Nosso Grupo esparramaram-se numa série de cadeiras giratórias, em volta das mesas dos computadores na sala dos alunos. Como é o primeiro dia, as alunas do sexto ano esforçaram-se imenso com o cabelo e a maquilhagem, pelo que me sinto imediatamente desenquadrada.

Amasso-me numa cadeira e confirmo com um gesto de cabeça, resignadamente.

— Isto até tem piada porque é verdade.

Ela olha para mim outra vez, mas não me vê realmente, e rimo-nos de uma coisa que não é assim tão engraçada. Então, a Becky percebe que não estou a fim de fazer nada e afasta-se. Pouso a cabeça nos braços e passo pelas brasas.

O meu nome é Victoria Spring. Acho melhor que fiquem já a saber que invento muitas coisas na minha cabeça, coisas que depois me deixam triste. Gosto de dormir e blogar. Um dia, hei de morrer.

A Rebecca Allen é provavelmente a minha única amiga a sério. Também é provavelmente a minha melhor amiga. Ainda não sei muito bem se estes dois factos estão relacionados. Seja como for, a Becky Allen é muito bonita e tem o cabelo roxo e muito comprido. Percebi que, se temos cabelo roxo, as pessoas olham para nós inúmeras vezes. E se somos bonitas e temos cabelo roxo, as pessoas *continuam* a olhar, o que faz de nós uma personagem muito reconhecida e popular na sociedade adolescente; o tipo de personagem que todos afirmam conhecer, mas com quem provavelmente nunca falaram. A Becky tem 2098 amigos no Facebook.

Agora, ela está a falar com outra rapariga do Nosso Grupo, a Evelyn Foley. As pessoas acham a Evelyn «retro» porque ela tem o cabelo todo revirado e usa um colar com um triângulo.

— Mas a *verdadeira* questão — diz ela —, é se existe tensão sexual entre o Harry e o *Malfoy*.

Não tenho a certeza se a Becky realmente gosta da Evelyn. Às vezes, acho que as pessoas apenas fingem que gostam umas das outras.

— Só na *fanfic*, Evelyn — diz a Becky. — Por favor, guarda essas tuas fantasias para ti e para o teu blogue.

— Mas o Malfoy ajuda o Harry no fim, não ajuda? — A Evelyn ri-se. — No fundo, ele é um tipo fixe, certo? — Então, para quê intimidar o Harry durante sete anos? Mega. Homossexual. No. Armário. — Bate palmas a cada palavra. Para ser sincera, não ajuda em nada o que ela está a dizer. — É bem sabido que as pessoas implicam com as pessoas de quem gostam. Aqui, a psicologia é irrefutável.

— Evelyn — diz a Becky —, em primeiro lugar, não gosto dessa ideia sentimentalona do Draco Malfoy ser uma espécie de bela alma torturada em busca de redenção e compreensão. Em segundo lugar, o único par não convencional que *vale* a pena discutir é o Snily.

— *Snily*?

— Snape e Lily.

A Evelyn parece muito incomodada com isto.

— Não acredito que não apoias o Drarry se depois alinhas no *Snape e Lily*. Por favor! Pelo menos, o Drarry é uma possibilidade realista.

— Ela abana a cabeça devagar. — Quer dizer, é óbvio que a Lily se iria apaixonar por uma brasa com imensa piada como o James Potter.

— O James Potter era um rematado palerma. Especialmente com a Lily. A J. K. deixou isto bem claro. E desculpa lá, mas se não gostas do Snape no fim da série, então, não percebeste de todo o conceito do *Harry Potter*.

— Se o Snily tivesse dado certo, o Harry Potter *nem sequer* existia.

— Sem o Harry, o Voldemort nunca teria, sei lá, cometido um genocídio em massa.

Tanto a Becky como a Evelyn se viram para mim. Deduzo que tenho de dizer qualquer coisa.

Endireito-me na cadeira.

— Estás a dizer que foi por causa do Harry que todos aqueles *muggles* e bruxos morreram, e que teria sido melhor se ele não tivesse sequer existido, nem os livros, nem os filmes, nem nada?

Fico com a impressão de que estraguei a conversa, pelo que murmuro um pretexto qualquer, levanto-me da cadeira e trato de sair da sala. Às vezes, odeio as pessoas, o que só pode ser muito mau para a minha saúde mental.

Há duas escolas secundárias na nossa cidade: a Harvey Green Grammar School para Raparigas, ou «Higgs» como é conhecida, e a Truham Grammar School para Rapazes. Mas ambas aceitam os dois sexos nos últimos dois anos do secundário em todo o país, não me perguntem porquê. Como tal, agora estou no meu 11.º ano e tive de fazer frente a um súbito influxo da espécie masculina. Os rapazes na Higgs são como criaturas míticas, e ter um namorado a sério deixa-nos no topo da hierarquia social; todavia, pessoalmente, pensar ou falar muito sobre «cenas de rapazes» dá-me vontade de dar um tiro na cara.

Mesmo que eu me importasse com essas coisas, não é como se nos pudéssemos gabar de nada, graças ao espetacular uniforme escolar. Normalmente, os alunos do secundário não têm de usar uniforme, mas na Higgs obrigam-nos a usar um uniforme medonho. O tom é cinzento, o que é perfeito para um sítio tão sem graça.

Chego ao meu cacifo e encontro um *Post-it* rosa colado na porta. Nele, alguém desenhou uma seta que aponta para a esquerda, como se sugerisse que eu olhasse nessa direção. Irritada, viro a cabeça para a esquerda. Vejo outro *Post-it* a uns quantos cacifos de distância.

E outro na parede ao fundo do corredor. O pessoal passa por eles sem lhes prestar a menor atenção. Que posso dizer? As pessoas não são observadoras. Este tipo de coisas não lhes desperta a atenção. Nunca pensam duas vezes num possível *déjà vu*, quando pode existir um *bug* na Matriz. Passam pelos vagabundos na rua sem sequer pensar na falta de sorte daqueles homens. Não psicanalisam os criadores de filmes de terror, sendo que o mais provável é que eles sejam psicopatas.

Tiro o *Post-it* do meu cacifo e vou até ao seguinte.

Às vezes gosto de preencher os meus dias com coisinhas com as quais mais ninguém se importa. Faz-me sentir como se estivesse a fazer qualquer coisa importante, essencialmente porque mais ninguém está a fazê-las.

Esta é uma dessas ocasiões.

Os *Post-its* começam a aparecer por toda a parte. Como já disse, todos os ignoram; em vez disso, preferem seguir com a sua vida e falam sobre rapazes, roupa e outras coisas sem importância. As raparigas do 9.º e do 10.º andam com as saias arregaçadas e as meias puxadas até às coxas. Parecem sempre felizes e isto faz-me detestá-las só um bocadinho. Mas também é verdade que detesto um monte de coisas.

O penúltimo *Post-it* que encontro tem uma seta que aponta para cima, ou para a frente, e está na porta fechada de uma sala de informática no primeiro andar. Um pano preto cobre a janela da porta. É precisamente esta sala de informática, C16, que está fechada desde o ano passado para remodelação, mas parece que ninguém se deu ao trabalho de a remodelar. Para dizer a verdade, é uma coisa que até me deixa triste; mesmo assim, abro a porta da C16, entro e fecho-a atrás de mim.

Há uma longa janela que cobre completamente a parede do fundo e todos os computadores são uns trambolhos. Cubos maciços. Parece que viajei no tempo até 1990.

Encontro o último *Post-it* na parede do fundo, com um endereço de URL:

**SOLITAIRE.CO.UK**

Para quem viva debaixo de uma pedra ou tenha tido aulas em casa ou seja apenas um idiota, o Solitário é um jogo de cartas que jogamos sozinhos. É o que eu costumava jogar durante as minhas aulas de informática e provavelmente fez muito mais pela minha inteligência do que prestar atenção.

É então que alguém abre a porta.

— Meu Deus, a idade destes computadores deve ser um *crime*.

Viro-me devagar.

Um rapaz está parado à frente da porta fechada.

— Quase consigo ouvir a sinfonia melancólica do modem telefónico — diz enquanto percorre lentamente a sala com os olhos; passados alguns segundos, acaba por perceber que não é a única pessoa na sala.

É um rapaz de aspeto muito normal, nem feio nem uma brasa. O que mais se destaca nele é um par de óculos grandes, com armações grossas e quadradas, parecidos com os óculos de cinema 3D que os pirralhos de 12 anos usam sem as lentes porque acham que lhes dá um ar «super». Meu Deus, detesto quando as pessoas usam óculos assim. Ele é alto e tem risco ao lado. Numa das mãos tem uma caneca; na outra traz um pedaço de papel e a sua agenda escolar.

Enquanto regista a minha cara, os seus olhos arregalam-se e juro por Deus que duplicam de tamanho. Ele avança direito a mim como um leão ao ataque, com uma ferocidade suficiente para me fazer recuar com medo de ser completamente esmagada. Ele inclina-se para a frente até ficar com a cara a centímetros da minha. Através do meu reflexo naqueles óculos ridiculamente grandes, vejo que ele tem um olho azul e um olho verde: heterocromia.

Ele sorri bruscamente.

— Victoria Spring! — exclama ele enquanto levanta os braços.

Não digo nem faço nada. Dói-me a cabeça.

— Tu és a Victoria Spring — diz ele.

Planta-me o papel diante da cara. É uma fotografia. Minha. Por baixo, está escrito em letras minúsculas: Victoria Spring, 10A. Estava em exposição perto da sala dos professores. No 10.º ano fui delegada da turma, essencialmente porque ninguém mais quis ser, por isso voluntariei-me. Todos os delegados tiveram direito a fotografia. A minha é medonha. É de antes de eu cortar o cabelo, pelo que mais pareço a rapariga de *The Ring – O Aviso*. É como se eu não tivesse cara.

Olho para o olho azul.

— Arrancaste isto do lugar?

Ele recua um pouco, com alguma noção da invasão do meu espaço pessoal. Tem um sorriso desvairado.

— Eu disse a alguém que o ajudava a encontrar-te. — Bate no queixo com a agenda da escola. — Um tipo loiro... calças justas... andava por aí como se não soubesse onde estava.

Não conheço *nenhuns* tipos, muito menos loiros e com calças justas.

Encolho os ombros.

— Como é que sabias que eu estava aqui?

Ele encolhe os ombros também.

— Não sabia. Entrei por causa da seta na porta. Pensei que parecia muito misterioso. E aqui estás tu! Que cena *incrível*!

Bebe um pouco da sua bebida. Começo a pensar se este rapaz não terá problemas mentais.

— Já te tinha visto antes — diz ele, ainda a sorrir.

Dou por mim a olhar para ele, de olhos franzidos. De certeza que já o terei visto nos corredores a dada altura. Só que me havia de lembrar daqueles óculos medonhos.

— Pois, eu acho que nunca *te* vi antes.

— Não me admira; estou no 12.º, portanto, não me havias de ver muito. E, além disso, só vim para esta escola em setembro. Fiz o 11.º na Truham.

Está tudo explicado. Quatro meses não chegam para eu fixar uma cara.

— Então — continua ele, com uma palmadinha na caneca —, que se passa *aqui*?

Dou um passo para o lado e aponto sem entusiasmo para o *Post-it* na parede do fundo. Ele levanta o braço e descola-o.

— Solitaire.co.uk. Interessante. Bem, acho que podíamos ligar um destes computadores e ver do que se trata, embora seja provável que morrêssemos antes que o Internet Explorer fosse carregado. Aposto o quiseses que todos ainda usam o Windows 95.

Senta-se numa das cadeiras giratórias e espreita pela janela a paisagem suburbana. Está tudo iluminado como se estivesse a arder. Dá para ver a cidade e onde começa o campo. Ele repara que também estou a olhar.

— É como se estivesse a puxar por nós, não é? — Suspira. Como uma rapariga. — Esta manhã, quando vinha para cá, vi um velho. Estava sentado numa paragem de autocarro a ouvir música num *iPod* e a bater com as mãos nos joelhos enquanto olhava para o céu. Quando é que vemos uma coisa assim? Um velho a ouvir um *iPod*. Sempre gostava de saber o que ele estava a ouvir. Pensamos que devia ser música clássica, mas podia ser qualquer coisa. Será que era música triste? — Cruza os pés em cima da mesa. — Espero que não.

— Não há nada de mal na música triste — digo —, com moderação. Ele gira a cadeira para me encarar e endireita a gravata.

— Tu és mesmo a Victoria Spring, não és. — Devia ser uma pergunta, mas ele diz isto como se já soubesse há muito tempo.

— Tori — digo num tom deliberadamente monocórdico. — O meu nome é Tori.

Ele ri-se. É uma gargalhada muito estridente e forçada.

— Como a Tori Amos?

— Não. — Pausa. — Como a Tori Amos, não.

Ele enfia as mãos nos bolsos do *blazer*. Eu cruzo os braços.

— Já tinhas estado aqui? — pergunta-me ele.

— Não.

Ele acena com a cabeça.

— Interessante.

Arregalo os olhos e abano a cabeça.

— O quê?

— O quê *o quê*?

— O que é que é interessante? — Acho que não teria sido possível parecer menos interessada.

— Viemos os dois à procura da mesma coisa.

— E essa coisa é...?

— Uma resposta.

Alço as sobrancelhas. Ele observa-me através dos óculos. O olho azul é tão claro que parece quase branco. Tem uma personalidade própria.

— Não *gostas* de mistérios? — pergunta-me. — Não te fazem *questionar* as coisas?

Então, percebo que não. Percebo que podia muito bem sair dali e literalmente borrifar-me para o [solitaire.co.uk](http://solitaire.co.uk) e nunca mais voltar a pensar naquele tipo barulhento e irritante.

Mas como quero que ele pare de ser tão condescendente, tiro rapidamente o meu telemóvel do bolso, digito [solitaire.co.uk](http://solitaire.co.uk) na barra de endereços da internet e abro a página.

O que aparece quase me dá vontade de rir: é um blogue vazio. Um blogue falso, imagino.

Que dia tão, mas tão inútil. Planto-lhe o telemóvel diante da cara.

— Mistério resolvido, Sherlock.

A princípio, ele continua a sorrir, como se eu estivesse a gozar, mas a dada altura os olhos fixam-se no ecrã e, com uma espécie de incredulidade atónita, tira-me o telemóvel da mão.

— É... um... blogue vazio... — diz, não para mim, mas para si mesmo.

E de repente (não sei como nem porquê), sinto-me mal por ele, *muito* mal. Ele parece tão *triste*... Abana a cabeça e devolve-me o telemóvel. Não sei o que fazer. Ele está com uma cara de alguém a quem acabou de morrer alguém.

— Bem, hum... — Arrasto-me. — Vou para as aulas.

— Não, não, espera! — Ele levanta-se de um salto e ficamos de frente um para o outro.

Um silêncio confrangedor.

Ele observa-me, estreita os olhos, estuda a fotografia, volta a olhar para mim, e depois outra vez para a fotografia.

— Cortaste o cabelo!

Mordo o beijo para impedir o sarcasmo.

— Sim — digo no meu tom mais sincero. — É verdade, cortei o cabelo.

— Estava tão *comprido*.

— Pois estava.

— Porque é que o cortaste?

Tinha ido às compras sozinha no fim das férias de verão porque precisava de um monte de coisas para o secundário. Os meus pais estavam sempre ocupados com a cena toda do Charlie, e eu só queria tratar daquilo. Só que não me lembrei de que sou péssima em compras. A minha velha mochila estava rasgada e encardida, pelo que resolvi espreitar lugares catitas: River Island, Zara, Urban Outfitters, Mango e Accesorize. Mas todas as mochilas catitas andavam, tipo, pelas cinquenta libras, pelo que estava fora de questão. Então, experimentei os sítios mais baratos — New Look, Primark e H&M —, mas as mochilas eram todas uma piroseira. Acabei por entrar mil vezes em todas as lojas que vendiam mochilas até ter um ligeiro colapso nervoso ao lado de um Costa Coffee no meio do centro comercial. Pensei no princípio do 11.º ano e em todas as coisas que tinha de fazer, em todas as novas pessoas que ia ter de conhecer e com quem conversar. Vi o meu reflexo numa das montras da Waterstones; percebi que a maior parte da minha cara estava tapada e quem diabos havia de querer falar comigo naquele estado? Comecei a sentir aquele cabelo todo na testa e contra a cara, como se me esmagasse os ombros e as costas, como se rastejasse por cima de mim como vermes, sufocando-me até à morte. Comecei a respirar muito depressa, e então fui direta ao primeiro cabeleireiro que encontrei e cortei-o pela altura dos ombros para me deixar a cara desimpedida. A cabeleireira não queria cortar, mas eu insisti. Gastei o dinheiro da minha mochila num corte de cabelo.

— Só o queria mais curto — digo.

Ele aproxima-se de mim e eu recuo.

— Tu não queres dizer nada do que dizes, pois não?

Rio-me de novo. É uma patética expulsão de ar, mas para mim é uma gargalhada.

— E tu *quem* és?

Ele fica imóvel, inclina-se para trás, abre os braços como se fosse a Segunda Vinda de Cristo e anuncia, numa voz profunda e sonora:

— O meu nome é Michael Holden.

Michael Holden.

— E tu quem és, Victoria Spring?

Não consigo pensar em nada para dizer porque essa seria realmente a minha resposta: nada. Sou um vácuo. Sou um vazio. Não sou nada.

A voz do Sr. Kent berra repentinamente no sistema de som. Viro-me e olho para o altifalante enquanto aquela voz ressoa:

— *Todos os alunos do secundário devem apresentar-se na sala dos alunos para uma breve reunião.*

Quando me viro, a sala está vazia. Estou colada ao tapete. Abro a mão e descubro nela o *Post-it* SOLITAIRE.CO.UK. Não sei quando foi que passou da mão do Michael Holden para a minha, mas está ali.

E é isto, acho eu.

É assim que começa.

## DOIS

A grande maioria dos adolescentes que frequentam a Higgs não passa de idiotas conformistas sem alma. Consegui integrar-me num pequeno grupo de raparigas que considero «boas pessoas», mas às vezes ainda sinto que sou a única consciente, como a protagonista de um jogo de vídeo, enquanto as outras são figurantes geradas por computador com apenas um leque muito limitado de ações, como «iniciar conversa fiada» ou «abraçar».

A outra coisa sobre os adolescentes da Higgs, e talvez a maioria dos adolescentes, é que pouco ou nada se empenham em noventa por cento das coisas. Não acho que seja uma coisa má, porque havemos de ter tempo de sobra para nos «empenharmos» mais tarde na vida; tentar muito agora é um desperdício de energia que poderia muito bem ser gasta em coisas impecáveis como dormir, comer ou descarregar música ilegalmente. Na verdade, não me interessa particularmente por nada. Muita gente também não. Não é nada invulgar entrar na sala dos alunos e encontrar uma centena de adolescentes esparramados em cadeiras, secretárias e no chão. Parece que todos foram gaseados.

O Kent ainda não chegou. Vou ter com a Becky e o Nosso Grupo, que estão no canto dos computadores; parecem estar a discutir se o Michael Cera é atraente ou não.

— Tori. Tori. Tori. — A Becky dá-me uma série de palmadas no braço. — Vais concordar comigo nisto. Viste o *Juno*, certo? Achas que ele é giro, não achas? — Encosta as mãos às bochechas e revira os olhos. — Os desajeitados são os mais brisas, não são?

Pouso as mãos nos ombros dela.

— Calma, Rebecca. Nem toda a gente adora o Cera como tu.

Ela começa a dizer qualquer coisa sobre o filme *Scott Pilgrim Contra o Mundo*, mas já não estou a ouvir. O Michael Cera não é o Michael em quem estou a pensar.

Consigo escapar-me da conversa com um pretexto qualquer e começo a examinar a sala dos alunos.

Sim. É isto mesmo: estou à procura do Michael Holden.

Nesta altura, não sei muito bem *por que motivo* estou à procura dele. Como provavelmente já dei a entender, não há muitas coisas que me interessem, especialmente pessoas, mas irrita-me quando alguém acha que pode começar uma conversa e do nada simplesmente levantar-se e ir-se *embora*.

É uma *falta de educação*, sabem?

Passo por todos os grupinhos da sala. Estes grupinhos são um conceito muito *High School Musical*, mas a razão de serem um estereótipo tão grande é porque realmente existem. Numa escola predominantemente feminina, são praticamente garantidas três grandes categorias em cada ano:

1. Raparigas barulhentas e experientes que usam identificação falsa para entrar em discotecas, vestem muitas das coisas que veem em blogues, muitas vezes fingem que se matam à fome, exageram no bronzeado alaranjado, fumam socialmente ou como umas agarradas, são recetivas ao uso de drogas e sabem muito sobre o mundo. Não gosto nada desta gente.
2. Raparigas estranhas que parecem não fazer ideia de como se vestir ou controlar o seu comportamento estranho, desfiguram-se umas às outras com marcadores permanentes e têm uma incapacidade física de lavar o cabelo; raparigas que, sabe-se lá como, arranjam namorados tão assustadores quanto elas; raparigas que, em média, têm uma idade mental pelo menos três anos inferior à sua idade cronológica. Deixam-me muito triste porque muitas vezes me parece que até podiam ser bastante normais se fizessem um pouco de esforço.

3. As chamadas raparigas «normais». Quase metade delas tem namorados médios e estáveis. Têm noção das tendências da moda e da cultura popular. São geralmente simpáticas, algumas delas discretas, algumas são barulhentas, gostam de estar com as amigas, gostam de uma boa festa, gostam de fazer compras e filmes e curtem a vida.

Não estou a dizer que todas se enquadram numa destas categorias. Adoro que existam exceções porque detesto que estes grupos existam. Além disso, não sei em qual delas *eu* ficaria. Acho que na categoria 3 porque é definitivamente onde está o Nosso Grupo. Mas não me acho muito parecida com ninguém do Nosso Grupo. Não me acho muito parecida com ninguém.

Dou a volta à sala umas três ou quatro vezes antes de concluir que ele não está lá. Paciência. Talvez eu tenha imaginado o Michael Holden. Seja como for, não me faz diferença. Volto para o cantinho do Nosso Grupo, amasso-me no chão aos pés da Becky e fecho os olhos.

A porta da sala abre-se e o Sr. Kent, o vice-diretor, entra com a sua comitiva de sempre: a *Miss* Strasser, que é demasiado nova e bonita para ser professora, e a nossa representante da escola, Zelda Okoro (nem estou a gozar, o nome dela é mesmo assim, fantástico). O Kent é o tipo de homem anguloso que costuma ser conhecido pela sua semelhança com o Alan Rickman e provavelmente é o único professor verdadeiramente inteligente da escola. Também é o meu professor de Inglês há mais de cinco anos, pelo que nos conhecemos muito bem. Talvez isto seja um pouco estranho. Temos uma diretora, a Sra. Lemaire, que dizem ser membro do governo francês, o que explicaria por que razão nunca está na sua própria escola.

— Quero um pouco de *silêncio* — diz o Kent diante do quadro interativo pendurado na parede, logo abaixo do lema da escola, *Confortamini in Domino et in potentia virtutis eius*. O mar de uniformes cinzentos vira-se para o encarar. Durante alguns momentos, ele não diz nada. É uma coisa que faz muitas vezes.

A Becky e eu trocamos sorrisos e começamos a contar os segundos. É um jogo que temos. Não me lembro de quando começou, mas sempre que nos encontramos numa assembleia ou reunião do secundário ou no que quer que seja, contamos quanto tempo duram os silêncios dele. O nosso recorde é de setenta e nove segundos. Não estou a gozar.

Quando chegamos aos doze e o Kent abre a boca para falar...

A música começa a tocar nos altifalantes.

É o tema de Darth Vader da *Guerra das Estrelas*.

Uma onda de mal-estar imediata percorre todos os alunos do secundário. As pessoas olham de um lado para o outro, sussurram, perguntam por que motivo o Kent havia de passar música nos altifalantes e porquê a *Guerra das Estrelas*. Talvez se vá pôr a falar sobre comunicação clara, ou persistência, ou empatia e compreensão, ou aptidões de interdependência, que são o assunto de quase todas as reuniões do secundário. Talvez esteja a tentar dizer qualquer coisa relacionada com questões de liderança. Só quando as imagens começam a aparecer no ecrã atrás dele é que percebemos o que realmente está a acontecer.

Primeiro, a cara do Kent photoshopada sobre uma imagem do Yoda. Depois, o Kent aparece como Jabba the Hutt.

Depois, é a vez da Princesa Kent num biquíni dourado.

O secundário inteiro rebenta em gargalhadas incontrolláveis.

O verdadeiro Kent, sério, mas calmo, sai da sala. Assim que a Strasser desaparece, toda a gente começa a correr de grupo em grupo, a comentar o visual do Kent quando a cara dele apareceu na Natalie Portman, completo com pintura facial branca, penteado extravagante e tudo. Tenho de admitir que até teve piada.

Depois de o Kent/Darth Maul abandonar o ecrã, e assim que a peça orquestral atinge o seu clímax nos altifalantes acima, o quadro interativo exhibe as seguintes palavras:

**SOLITAIRE.CO.UK**

A Becky localiza o *site* num computador e o Nosso Grupo junta-se para dar uma boa vista de olhos. O blogue falso tem uma nova

publicação, carregada há dois minutos: uma fotografia do Kent a olhar para o quadro interativo num ataque de raiva passiva.

Começamos todos a conversar. Bem, todos os outros; eu limito-me a ficar ali, sentada.

— De certeza que alguém achou que ia parecer muito inteligente — diz a Becky. — Devem ter tido a ideia num dos blogues deles e acharam que podiam tirar umas fotografias e mostrar aos seus amiguinhos *hipsters* que são muito rebeldes e têm imensa piada.

— Bem, mas *é* inteligente — diz a Evelyn, o seu conhecido complexo de superioridade manifestando-se mais uma vez. — É como bater no *sistema*.

Abano a cabeça porque não há nada inteligente naquilo, além da habilidade da pessoa que conseguiu transformar a cara do Kent na do Yoda. E isto é ter jeito com o Photoshop.

A Lauren sorri de orelha a orelha. A Lauren Romilly é uma fumadora social com uma boca só um pouco grande demais para a cara que tem.

— Já consigo imaginar as publicações no Facebook. Isto já deve ter rebentado com o meu Twitter.

— Preciso de uma foto disto para o meu blogue — continua a Evelyn —, mais uns milhares de seguidores davam-me jeito.

— Vai-te catar, Evelyn — diz a Lauren, a rir. — Já és famosa na internet.

Isto arranca-me uma gargalhada.

— Publica mais uma fotografia das tuas pernas, Evelyn — digo baixinho. — Elas já são reblogadas, tipo, umas vinte mil vezes.

Apenas a Becky me ouve. Brinda-me com um sorriso que eu lhe retribuo, o que até me sabe bem porque raramente me ocorrem coisas com piada para dizer.

E pronto. Isto é basicamente tudo o que dizemos sobre a questão.

Dez minutos e passou à história.

Mas, para dizer a verdade, esta partidinha deixa-me com uma sensação um pouco estranha. O facto é que a *Guerra das Estrelas* foi uma das minhas grandes obsessões quando era miúda. Acho que não vejo

nenhum dos filmes há uns anos, mas ouvir a música lembra-me qualquer coisa. Não sei o quê. Uma sensação qualquer no peito.

Ui, estou a ficar sentimental.

Aposto que quem fez aquilo deve estar muito satisfeito consigo mesmo. O que me faz odiá-lo só um pouco.

Cinco minutos depois, estou prestes a apagar-me com a cabeça na mesa do computador e os braços a proteger a cara de qualquer forma de interação social, quando alguém me bate no ombro.

Endireito-me e olho confusa na direção de onde veio o toque. A Becky está a olhar para mim com uma expressão estranha, cabelos roxos caindo numa cascata à volta dela. Pisca os olhos.

— Que foi? — pergunto.

Ela aponta para trás de mim, pelo que olho.

Vejo um tipo ali parado. Está nervoso. A cara dele é uma espécie de careta sorridente. Percebo o que está acontecer, mas o meu cérebro parece não conseguir aceitar que é possível, pelo que abro e fecho a boca três vezes antes de deixar escapar um:

— Meu Deus.

Ele dá um passo na minha direção.

— V-Victoria?

Com exceção do meu novo conhecido, o Michael Holden, apenas duas pessoas alguma vez me chamaram Victoria. Uma delas é o Charlie. E a outra é:

— Lucas Ryan — digo.

Há muito tempo, conheci um rapaz chamado Lucas Ryan. Ele chorava muito, mas gostava de Pokémon tanto como eu, pelo que acho que isso nos tornou amigos. Uma vez, ele disse-me que quando crescesse queria viver dentro de uma bolha gigante porque assim podia voar por toda a parte e ver tudo, e eu disse-lhe que havia de ser uma casa péssima porque as bolhas estão sempre vazias por dentro. Ele ofereceu-me um porta-chaves do Batman no meu oitavo aniversário e o livro *Como Desenhar Manga* no nono; cartas Pokémon quando fiz dez anos e uma *T-shirt* com um tigre quando fiz onze.

Tenho, tipo, de olhar duas vezes porque agora a cara dele tem uma forma totalmente diferente. Ele sempre foi mais baixo do que eu, mas agora tem pelo menos mais um palmo, e é óbvio que a voz mudou. Tento procurar coisas que sejam exatamente como o Lucas Ryan de onze anos, mas tudo o que consigo identificar é o cabelo desbotado, pernas e braços magros e uma expressão embaraçada.

Além disso, ele é o «tipo loiro de calças justas».

— Meu Deus — repito. — Olá.

Ele sorri e solta uma gargalhada. Lembro-me daquele riso. Sai do peito. É uma gargalhada no peito.

— Olá! — diz ele, e sorri um pouco mais. É um sorriso bonito e calmo.

Levanto-me dramaticamente e miro-o da cabeça aos pés. É mesmo ele.

— És mesmo tu — digo, e tenho de resistir à vontade de estender o braço para lhe dar umas palmadas nos ombros. Só para me certificar de que ele está mesmo ali, e assim.

Ele ri-se novamente. Está com os olhos franzidos, praticamente fechados.

— Sou mesmo eu!

— Que... porquê?

Ele começa a parecer um pouco envergonhado. Lembro-me de ele ser assim.

— Saí da Truham no fim do ano passado — explica ele. — Eu sabia que andavas aqui, então... — Começa a mexer no colarinho da camisa. Também era uma coisa que ele fazia. — Hum... pensei que podia tentar encontrar-te. Já que não tenho amigos aqui. Portanto... hum... sim. Olá.

É melhor que se saiba que nunca tive grande jeito para fazer amigos, e o ensino básico não foi nenhuma exceção. Durante aqueles anos de humilhante rejeição social, fiz apenas um único amigo. E embora os meus dias de ensino básico não sejam uma coisa que eu gostasse de reviver, havia apenas uma coisa boa que provavelmente me ajudou a superá-los: a amizade tranquila do Lucas Ryan.

— Uau! — A Becky entra na conversa, incapaz de resistir à possibilidade de uma intriga. — Como é que vocês se conhecem?

Ora, eu sou uma pessoa bastante desajeitada, mas o Lucas leva a taça, e de longe. Ele vira-se para a Becky, fica de novo corado e quase me sinto abraçada *por* ele.

— Da primária — respondo. — Éramos melhores amigos.

As lindas sobranceiras da Becky dispararam.

— Não *poosso*! — Olha mais uma vez para os dois antes de se concentrar no Lucas. — Bem, acho que sou a tua substituta. O meu nome é Becky. — Com um gesto abrangente, indica a sala à nossa volta. — Bem-vindo à Terra da Opressão.

O Lucas consegue dizer com voz de rato:

— E eu sou o Lucas. — Encontra maneira de se voltar para mim. — Temos de pôr a conversa em dia.

É esta a sensação do renascer de uma amizade?

— Sim... — A surpresa deixou-me sem palavras. — Sim.

As pessoas começaram a desistir da reunião do secundário porque vai começar o primeiro tempo e nenhum dos professores voltou.

O Lucas assente.

— Hum, não me quero atrasar para a minha primeira aula nem nada... e este dia inteiro já vai ser bem embaraçoso só por si... mas falamos em breve, pode ser? Procuro-te no Facebook.

Enquanto o Lucas se afasta, a Becky olha para mim numa incredulidade quase total, segurando-me firmemente pelo ombro.

— A Tori acabou de falar com um *rapaz*. Não... a Tori aguentou-se *sozinha* numa conversa. Acho que vou chorar.

— Pronto, pronto. — Dou-lhe uma palmadinha nas costas. — Tens de ser forte. Vais conseguir.

— Estou muito orgulhosa de ti. Sinto-me como uma mãe orgulhosa. Praticamente resfolego.

— Sou perfeitamente capaz de aguentar uma conversa *sozinha*. Que nome dás ao que estamos a fazer?

— *Eu* sou a única exceção. Com todos os outros, és tão sociável como uma caixa de cartão.

— Talvez eu seja uma caixa de cartão.

Rimo-nos as duas.

— Tem piada... porque é verdade — digo, e rio-me de novo, pelo menos por fora. Ah, ah, ah.